

Construir um barco grande para capturar mais peixe

— grande sonho de Francisco Conuana, o homem que capturou três tubarões em um ano N. 3/12

Construir um barco grande com motor, que lhe permita deslocar-se até à Macaneta, a fim de capturar grandes quantidades de peixe, é o grande sonho de Francisco Conuana, pescador residente no Bairro Comunal da Matola «A» e que cometeu a proeza de capturar três «bons» tubarões ao longo do corrente ano, no Rio Tembe, que desagua na Baía do Maputo. A este desejo, junta-se a esperança de um dia poder capturar mais um tubarão.

Visivelmente emocionado por ter conseguido capturar um bom número de tubarões num só ano, Francisco Conuana fala-nos do seu ofício e das circunstâncias que o obrigaram a abraçar a pesca em troca da profissão de carpinteiro e a de estivador que antes desempenhava.

Conforme ele próprio revela, ser pescador não é nada fácil e é mais difícil quando se torna profissional da pesca.

Muito arriscado, principalmente quando se tem uma embarcação pequenina e a remo como a que Francisco Conuana possui, quando um tubarão cai na rede, a luta pela sobrevivência, tanto do «atrevido» como do capturado, é bastante renhida porquanto o pescador tenta a todo o custo trazer o gigante para fora da água; e, este a procurar a seu jeito livrar-se do perigo, o que, não raras vezes origina o afundamento do barco.

QUEM É FRANCISCO CONUANA

Pescador de alta craveira, muito estimado no seu bairro, tanto pela população, membros da estrutura política como por colegas do ofício, que também são membros da cooperativa de pescadores, Francisco Conuana é também respeitado na família onde é pai de oito filhos.

Nascido em Marracuene, na zona

de Macaneta, Conuana cedo aprendeu a pescar, aproveitando os conhecimentos do seu pai e do irmão mais velho que também continua a desenvolver esta actividade.

ESTIVADOR FRUSTRADO

Depois de atingir a adolescência, Conuana abandona a pesca e vem empregar-se na então Lourenço Marques, tendo primeiro trabalhado numa carpintaria algures na Avenida de Angola e, posteriormente, no porto do Maputo, como estivador.

Nesta altura, começava a Luta Armada de Libertação Nacional na parte norte do País, e um «fulano», de nome Júlio Mungambe, que depois faleceu na Cadeia Central, começou a falar-lhe da existência da Frelimo e seus objectivos.

Em 1965, um colega seu de profissão, de nome Francisco Munjuvo, com o auxílio de Alberto Massinga, conseguem persuadi-lo e inscreve-se no grupo que apoiava a Frelimo no seio dos estivadores.

A sua carreira em tanto que membro do grupo, durou pouco tempo, porquanto no mesmo ano foi descoberto pelos agentes da PIDE que se encontravam afectos no complexo ferroviário de Lourenço Marques, os quais começaram a seguir os seus passos.

O ABRAÇO COM A PESCA

Ao aperceber-se de que estava na «mira» da PIDE, Francisco Conuana deixa a cidade, regressando à sua terra de origem em Macaneta onde, sob o conselho do pai e do irmão mais velho, preparou os instrumentos necessários para reiniciar a pesca.

Foi então que construiu um pequeno barquinho. O produto da faina era fumado e posteriormente encaminhado para a cidade onde era comercializado.

Vendo que não rendia nada com esta profissão, o nosso interlocutor experimentou o trabalho das minas na África do Sul.

Depois de reunir pequenas quantias de dinheiro, Conuana optou por regressar à sua vida anterior, dedicando-se definitivamente à pesca, mas fixando residência na zona da Matola.

Como era desconhecido na região, é denunciado por alguns servidores do colonialismo às autoridades marítimas da então Capitania do Porto de Lourenço Marques, onde na pessoa do senhor Matos, que até então era cabo-de-mar, recebeu ordens para passar a utilizar uma rede de captura de «magumba» e não a que até então utilizava.

E DEPOIS...

Francisco Conuana passou a utilizar a rede recomendada. Em Março desse ano, capturou o primeiro tubarão e então começou a melhorar a sua rede, aumentando-a para um comprimento de cerca de 800 metros, o que lhe valeu mais dois tubarões, o último dos quais capturado no final do mês de Novembro.

MEMBRO DA COOPERATIVA

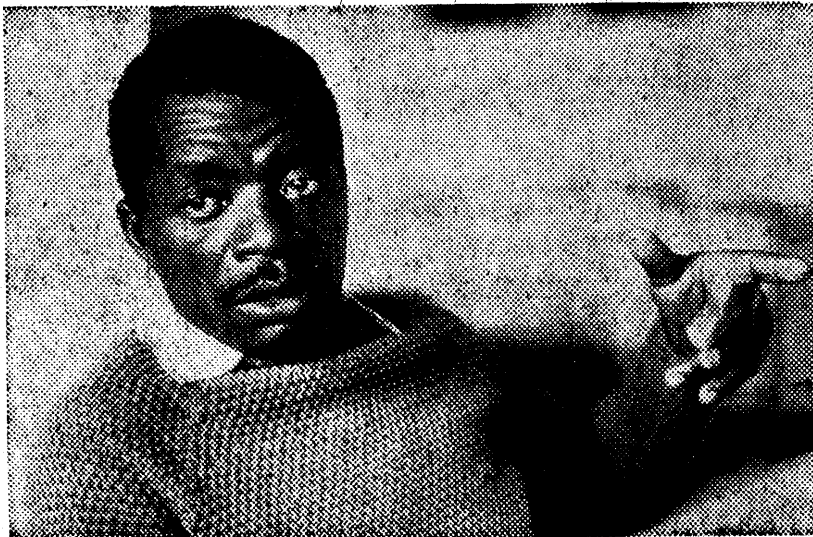
No seu bairro, Francisco Conuana é também membro da cooperativa dos pescadores. Também pertence à cooperativa de consumo.

O produto das suas investidas ao mar, é normalmente vendido à cooperativa que, por sua vez, o distribui pelos restantes moradores inscritos naquele estabelecimento social.

Na versão do nosso interlocutor, a venda de peixe à cooperativa evita o desvio e a candonga, e permite que um maior número de pessoas possa ter alguma coisa para satisfazer as suas necessidades.

Por ter uma embarcação pequena que não suporta grandes ondas, normalmente sai de casa às 12 horas e rema em direcção ao Rio Tembe. No local, espera que o nível das águas baixe e só de noite é que começa com o trabalho.

Presentemente, o seu sonho é construir um barco maior, dotado de motor, o que lhe permitirá a captura de mais peixes e, quem sabe, de mais uma batalha com um tubarão.



«Se tivesse um barco maior, ia mais longe» — garantiu Francisco Conuana, falando à nossa Reportagem